

**A CONCEPÇÃO DE CORPO FEMININO DAS ADOLESCENTES EM  
SITUAÇÃO DE RISCO ATENDIDAS PELA MORADA DA CRIANÇA  
“LEONIDES BARDAL”- CATALÃO/GO**

Maria Carolina Lourenço  
Maristela Vicente de Paula

**RESUMO**

Pesquisa que problematiza a concepção de corpo feminino de adolescentes em situação de risco, tendo como objetivos: apresentar uma discussão histórica relativa à construção do conceito de crianças e adolescente em situação de risco; discutir a construção social do corpo feminino; analisar a(s) concepção(ões) de gênero e corpo feminino apresentadas pelas adolescentes participantes da pesquisa. Referente à metodologia, trata-se de uma pesquisa de campo, que se deu através de entrevista semi-estruturada aplicada as adolescentes. Concluímos que entre o grupo pesquisado a concepção de gênero e corpo feminino são naturalizadas nas relações sociais, cultural e histórica. Palavra-chave: adolescência; situação de risco; corpo feminino.

**RESUMEN**

La investigación que problematiza la concepción de cuerpo de las mujeres adolescentes en situación de riesgo, teniendo como objetivos: presentar una discusión sobre la construcción histórica del concepto de los niños y adolescentes en situación de riesgo, analizar la construcción social del cuerpo femenino, para analizar la(s) concepción (es) de género y cuerpo femenino y presentada por las adolescentes que participan en la investigación. Sobre la metodología, se trata de una investigación de campo, que fue a través de encuestas semi-estructuradas aplicadas a los adolescentes. Llegamos a la conclusión de que entre el grupo estudiado el concepto de género y el cuerpo femenino se naturalizan las relaciones sociales, culturales e históricas. Palabra clave: Adolescencia; situación de riesgo, cuerpo femenino.

**ABSTRACT**

Research that questions the concept of body of female adolescents at risk situation, having as objectives: present a discussion on the historical construction of the concept of children and adolescents at risk situation; discuss the social construction of female body; examine the conception(s) of gender and female body presented by adolescents participating in the research. On the methodology, it is a field research, which was through semi-structured interviews applied to adolescents. We conclude that among the group studied the conception of gender and female body are naturalized in the social relationships, cultural and historical.

Key-Words: Adolescence; risk situation; female body.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma pesquisa que tem como objeto de estudo adolescentes em situação de risco e corpo feminino.

O interesse pelo objeto de estudo se deu em 2006 quando já cursava Educação Física na Universidade Federal de Goiás/ Campus Catalão, tivemos a oportunidade de participar de um Projeto de Extensão e Cultura denominado Oficinas Corporais na Morada da Criança “Leonides Bardal”.

A referida instituição, situada na cidade de Catalão/GO, foi criada em 2004. Trata-se de uma instituição pública municipal que durante seus primeiros quatro anos de funcionamento trabalhava com acolhimento, abrigamento temporário e implementação intervenções para crianças e adolescentes em situação de risco. Constituiu-se como uma instância de passagem no sentido de dar suporte necessário para que seus atendidos pudessem restabelecer-se em suas redes de apoio sociais, dentre elas, a família, a escola e outras instituições, sejam de cunho religioso, público e organizações não governamentais (FONSECA NETO, 2006).

No período em que desenvolvemos o projeto de Extensão e Cultura na “Morada da Criança”, a rotina da Instituição foi organizada principalmente em oficinas, dentre elas foram oferecidas, oficinas de estimulação, expressiva e para crianças e adolescentes opositoras, nessa categoria, foram oferecidas uma oficina de jogos cooperativos e a oficina corporal para meninas<sup>1</sup>.

O principal objetivo da Oficina Corporal para Meninas foi desenvolver a consciência corporal a partir de discussões sobre o corpo e o corpo feminino, através das práticas de dança, jogos, ginástica e dramatização, bem como propiciar as adolescentes a vinculação com a instituição, na preceptiva de acrescentar elementos para sua formação pessoal e fortalecimento da rede de apoio social.

Ao proporcionarmos experiências no campo das práticas corporais, intencionalmente levantamos a discussão sobre o corpo feminino através de temáticas pertinentes a consciência corporal, corpo e afetividade, corpo feminino nas relações de gênero e na organização social, econômica e política.

Através das atividades, citadas acima, realizadas na oficina é que surgiu a seguinte questão problema: Qual a concepção de corpo feminino das adolescentes em situação de risco da morada da criança?

Para responder a problemática em questão, estabelecemos o seguinte objetivo geral: analisar a concepção de corpo feminino das adolescentes em situação de risco atendidas pela Morada da Criança. E especificamente os seguintes objetivos, apresentar uma discussão histórica relativa à construção do conceito infância e de crianças em situação de risco; discutir a construção social do corpo feminino; identificar relação de gênero na construção do corpo feminino; Analisar a(s) concepção(ões) de corpo feminino apresentadas pelas adolescentes atendidas na “Morada da Criança”.

Como referencial teórico para discutir a temática proposta levantamos primeiramente, um referencial relativo à criança em situação de risco com os seguintes autores: Lescher (2004), Rizzini (2000) e os artigos do grupo de pesquisa sobre criança e adolescentes em situação de risco. No que se refere a respeito de corpo feminino utilizaremos: Gellener (2002 e 2005), Guacira (2005), Arce (2002), Meyer

---

<sup>1</sup> As Oficinas de Jogos Cooperativos e Oficina Corporal para Meninas, foram desenvolvidas dentro do projeto de Extensão e Cultura denominado Oficinas Corporais na Morada da Criança, registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFG.

(2005) e Perrot(2007) que discutem e conceituam o corpo, gênero e o papel da mulher na sociedade.

No que se refere à metodologia, trata-se de uma pesquisa de campo, com relação aos objetivos, caracteriza-se com uma pesquisa do tipo crítico descritiva, no que se referem os procedimentos de coleta de dados, caracteriza-se com pesquisa participativa.

A população pesquisada foi composta por um grupo de oito adolescentes de onze a dezesseis anos em situação risco, que foram atendidas pela Morada da Criança “Leonides Bardal” no período de 2006, durante a intervenção das Oficinas Corporais para Meninas.

Os dados da pesquisa foram coletados através de entrevista, sistematizada a partir de um roteiro semi-estruturado. Para a análise dos dados estamos utilizando o método denominado “análise de conteúdo”.

## 2. SOBRE O TERMO CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO

Segundo Rizzine (2000), no Brasil do início do século XX, “a criança deixa de ocupar uma posição de secundária de submissa, passando a ser percebida como ‘patrimônio’ e vista como chave pra o futuro” (p.19). Para tanto era necessário moldar as crianças para que se tornassem homens de mulheres de bem.

Esses cuidados com as crianças faziam parte de um discurso político e patriota a fim de salvar a nação. Propósito para o qual, várias instâncias ficam responsáveis de trabalharem em suas áreas para atingirem um objetivo comum, como a medicina a justiça e filantropia.

As crianças sem família, consideradas um grande problema social, passam a serem tomadas com um problema do Estado. Nesse processo histórico, foram denominadas de delinqüentes, “meninos de rua” e de “menores”. Com o avanço dos movimentos e da legislação em relação aos direitos humanos, passou-se a designar aquelas expostas a maior vulnerabilidade social de crianças e adolescentes em situação de risco, processo no Brasil repercutiu na promulgação em 1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Entendemos pelo termo criança e adolescente em situação de risco, aqueles que o contexto social expõe a infância e ou a adolescência a condições consideradas inadequadas para o desenvolvimento do sujeito como, de afastamento da escola, da família, de convivência em ambientes insalubres seja no âmbito familiar ou externo, de exploração sexual ou do trabalho e qualquer outra circunstância que favoreça o exercício de práticas ilícitas, ou em que os seus direitos sejam de alguma forma lesados. (LESCHER, 2004)

No ECA que se caracteriza como uma legislação que antes de tudo reconhece a criança e o adolescente enquanto sujeitos de direito e homologa sua condição de cidadão, diferentemente do código de menores que o antecedeu, é destinado a todas as crianças e não somente as infratoras. No documento em questão, também há um destaque para criança em situação de risco, indicando maior atenção ao cumprimento dos seus direitos.

Embora o ECA, seja reconhecido mundialmente como uma diretriz que avança significativamente no que se refere as direitos humanos, há também o consenso de que nesses dezoito anos de sua existência não foi suficiente para implementar políticas que de fato promovam a cidadania das crianças e adolescentes no Brasil.

### 2.1. SOBRE CORPO FEMININO

A organização humana sempre esta em transformação, conforme o padrão de desenvolvimento da produção, dos valores e normas sociais. E a trajetória da mulher nela não é diferente.

No período denominado pré-capitalista o modelo de família era parental e todos trabalhavam. O mundo do trabalho e o mundo doméstico tinham ligações estreitas. A função de reprodutora da espécie, que cabe à mulher, favoreceu a sua subordinação ao homem. A mulher foi sendo considerada mais frágil e incapaz para assumir a direção e chefia do grupo familiar, princípios esses fundamentados no ideal de família Cristã construído pela Igreja. (ARCE, 2000)

O homem, associado à idéia de autoridade devido a sua força física e poder de mando, assumiu o poder dentro da sociedade. Assim, surgiram as sociedades patriarcais. A idéia de posse dos bens, e a garantia da herança para as gerações futuras, levaram o homem a interessar-se pela paternidade. Assim, a sexualidade da mulher foi sendo cada vez mais submetida aos interesses do homem, a mulher passou a ser propriedade do homem o que se oficializa no matrimônio, para defender os interesses em manter a descendências.

A revolução industrial incorporou o trabalho da mulher no mundo da fábrica. Em fases de ampliação da produção se incorporava a mão de obra feminina junto à masculina, nas fases de crise substituía-se o trabalho masculino pelo trabalho da mulher, por ser mais barato. Os homens acusavam-nas de terem tirado seus empregos, levantando questões de gênero, que deram animo as lutas femininas pela igualdade trabalhista.

No final do século XIX surge na Inglaterra e nos Estados Unidos o movimento feminista com importantes reivindicações em prol da mulher como o direito ao voto à educação, escolas e creches para seus filhos, condições dignas de trabalho. Na década de 60 o movimento ressurgiu nos Estados Unidos com novas reivindicações como o direito de decidir sobre o seu próprio corpo e sua sexualidade. Muitas conquistas foram alcançadas, porém elas continuaram a exercer o papel de quem cuida, como: professoras, enfermeiras, atendentes, sempre com a função de zelar. (MEYER, 2003)

No início da sociedade capitalista persistiu o argumento da diferença biológica como base para a desigualdade entre homens e mulheres. As mulheres eram vistas como menos capazes que os homens. Na sociedade capitalista o direito de propriedade passou a ser o ponto central, assim, a origem da prole passou a ser controlada de forma mais rigorosa, levando a desenvolver uma série de restrições à sexualidade da mulher. Cada vez mais o corpo da mulher pertencia ao homem, seu marido e senhor. O adultério era crime gravíssimo, pois colocava em perigo a legitimidade da prole como herdeira da propriedade do homem. Havia vários movimentos que zelava da família cristã que deu a mulher o posto de célula base, portadora da felicidade individual e do bem comum (ARCE, 2000).

Atualmente considera-se que ocorreram progressos em relação à situação social da mulher, como o reconhecimento da importância do trabalho da mulher e sua atuação em diversos setores da sociedade, desempenhando vários papéis. Porém ainda há muito a ser conquistado, como com relação à dupla jornada de trabalho, que é algo a ser repensado, as construções acerca da sua postura, moral ainda são elementos de opressão exercidos especialmente sobre a mulher e principalmente a violência a qual o fato de ser mulher a torna mais vulnerável.

Na modernidade a submissão e o controle do indivíduo, passam a ser mais sutis, e o corpo, se tornou local que deve ser interpretado, pois está repleto de inscrições e significados das leis sociais, sendo assim um local privilegiado para o controle social.



Portanto investimos no corpo de acordo com as muitas imposições culturais e sociais e o construímos adequado aos critérios da estética, da higiene e da moral dos grupos que pertencemos, critérios esses que são distintos em cada cultura e diferenciados para homens e mulheres. Para Weeks (1995) apud Louro (2007) “O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou que podemos tornar”.

Portanto se vê ligada a referenciais, com o da beleza, a imagem feminina na cultura, sempre esteve associada à beleza, a mulher deve estar sempre bonita, saudável, jovem, sexuada, fértil e respondendo ao desejo do outro para que não se sinta menos feminina. Fazendo com que haja uma incessante busca pela beleza através de qualquer processo estético que lhe dê uma imagem aceitável socialmente.

Segundo Perrot (1984) apud Vilhena (2005) “a beleza promove uma ditadura bem mais severa do que todos até então vivenciadas pelas mulheres”. (p.137)

Apesar das várias conquistas da mulher o casamento e maternidade ainda exercem papéis muito próximos ao do passado. Se antes a certidão de casamento e de nascimento dos filhos eram o passaporte para legitimação da posição social da mulher, hoje significa o caminho para a felicidade compartilhada e idealizada por ela.

Segundo Meyer (2000) apud Meyer (2003) ainda há uma “a subordinação feminina como, por exemplo, as relações de poder que permeiam a vida privada e as relações afetivas e ainda, a configuração da maternidade e do cuidado de criança como ‘destino natural de mulher’”. (p.14)

Segundo Goellner (2003) a maternidade e a feminilidade, constituem aspectos fundamentais para a construção de uma verdadeira mulher e boa esposa.

A mídia em geral, mas especialmente a televisão desempenha um papel fundamental para que os ideais de beleza sejam disseminados e incorporados pelas mulheres.

Segundo Garcia (2005) o corpo significa imagem ou representação, o que o torna um objeto perfeito para a exploração da mídia, pois, a imagens que se deseja na atualidade é de relação intensa com o consumo que produz anseios argumentos e inquietações, onde o corpo traduz uma série de (re)significações sociocultural.

O processo histórico de constituição do papel da mulher na sociedade ocidental evidenciou uma construção corporal que é cultural, social e principalmente histórica, reflexos de uma sociedade patriarcal e machista. Esse contexto estabelece padrões estéticos e comportamentos definidos segundo valores que privilegiam ideais de uma dada organização social, econômica e política que desrespeito grupos sociais em detrimento de uma ordem social.

### 1.3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O grupo pesquisado foi composto por sete meninas de onze a dezesseis anos, atendidas pela “Morada da Criança”, participante da Oficina Corporal com Meninas, durante o período de seis meses no ano de 2006.

Nesse período todas foram consideradas, segundo a equipe da “Morada da Criança”, como em situação de risco, apresentando características de opositoras desafiadoras<sup>2</sup>. Em sua maioria as meninas foram encaminhadas para a Instituição pelo Conselho Tutelar por apresentar problemas na escola, ou no convívio familiar. Todas apresentavam risco à prostituição.

---

<sup>2</sup> Transtorno Opositor e Desafiador, segundo a Associação Psiquiátrica Americana (2002) é um padrão recorrente de comportamento negativo, desafiador, desobediente e hostil para figuras de autoridade, que persiste por, pelo menos, seis meses.

Adotamos como estratégia para a coleta dos dados através de entrevista a realização de um momento de entrevistas coletivas, convidando-as após o término do projeto de intervenção uma reunião envolvendo atividades corporais e confraternização. Em ambiente descontraído aplicamos o roteiro de entrevista, semi-estruturada, para todas as presentes ao mesmo tempo.

Nem todos compareceram a reunião proposta, portanto a entrevista foi realizada em dois blocos ambos no mês de maio de 2007, um no ambiente preparado para recebê-las e as outras na casa de cada uma. As questões apresentadas versaram sobre como elas se relacionavam com seu próprio corpo e como elas entendiam a forma com que as pessoas tratam questões relativas ao corpo delas.

Para a análise dos dados dividimos as questões em seis blocos de análise, conforme a afinidade dos temas abordados.<sup>3</sup>

O primeiro bloco foi composto por duas perguntas que tiveram objetivo de resgatar lembranças da experiência vivida na “Morada da Criança” e para aproximá-las do clima de descontração da oficina, facilitando o dialogo das questões seguintes.

Percebemos que nesse item, em sua maioria, as entrevistadas apontam à experiência na instituição como algo positivo e principalmente por ocupar o tempo que antes eram para ficar na rua, ou em casa sem propósitos pré-definidos. Tempo esse ocupado por atividade corporal e de expressão artística, consideradas por elas como uma experiência positiva, como ficou evidenciada nas falas que se seguem:

Foi bom, porque eu ocupava mais o meu tempo, porque eu ficava era na rua, aí quando eu passei ir pra lá foi melhor pra mim. (IARA)

Era bom muito bom aprendi bastante coisa (...) Falar sobre a vida, o que acontece na realidade, sobre as músicas foi bom, porque eu ficava só em casa sem fazer nada, aí ocupou meu tempo. (LEILA)

E o que se refere à oficina corporal com meninas também foi bem avaliada, como algo que contribui para que elas amadurecessem e percebessem uma realidade antes não notada, podemos observar esse ponto, quando as entrevistadas comentam sobre as atividades realizadas na oficina.

Eu lembro das conversas, a gente conversava da vida assim. Serviu para amadurecer mais. (ANA)

Eu também gostei muito, foi muito bom até hoje eu lembro das conversas que tivemos, do seu jeito, teve coisa que você falou que eu não tinha a mínima idéia, que não nem parava pra pensar. (BRUNA)

As atividades realizadas na oficina corporal também foram de encontro com as expectativas, pois elas enumeram várias atividades como marcantes que tiveram um envolvimento maior por parte delas. Dentre as atividades destacadas foram listadas as danças, conversas, jogos, principalmente o vôlei e filmes.

---

<sup>3</sup> Utilizamos nomes fictícios para resguardar a identidade das pessoas participantes da pesquisa

No segundo bloco as questões são relacionadas a concepção delas mesmas enquanto meninas ou mulher (com relação ao gênero feminino) e o que significa para ela o termo no qual se auto classificam. Do grupo de sete, cinco das entrevistadas se consideram meninas e uma moça e outra mulher. E a concepção de menina é bem característica da idade da fase da adolescência, quando entrevistada a pergunta era, *o que é pra você ser menina, ser do sexo feminino?* E as repostas em sua grade maioria foram no sentido, de serem rebeldes, irresponsáveis, ou ao contrário destacando aspectos como, meiguice e vaidade, da preocupação com a estética corporal e com a sua apresentação com relação à beleza. As respostas obtidas explicitam a concepção de ser menina por elas apresentadas:

Ser rebelde, não pensar duas vezes antes de fazer. (ANA)  
... menina é bom que a gente arrume, coloca é (...) um monte de coisa na gente, faz maquiagem, agora menino não, não põe nada a roupa que ele quer ele põe e nem precisa de ficar arrumando, agora mulher não, tem lá de ficar olhando no espelho toda hora, tem que ficar bonita onde é que vai... Ah, eu me divirto, sei lá quando eu preciso da minha mãe eu vou lá, e ela me ajuda, eu não tenho essa de querendo ser adulta toda hora. Eu gosto de ficar brincando demais, nossa! Com as minhas amigas, eu tenho várias amigas, pequenas eu adoro brincar com elas, sei lá eu me sinto bem perto delas. (GUIDA)

Ah! Porque adulto precisa ter muita responsabilidade, e menina não. É mais despreocupada... É não tá nem aí com nada né? Pelo menos eu não tô. Não sei os outros. (NARA)

Percebemos que as entrevistadas ainda não se identificam com a figura da mulher, que o ser mulher e seu universo é algo ainda distantes da percepção das mesmas, associada primordialmente à questão da vida adulta, sem maiores inferências sobre sua condição de gênero.

A figura da mulher para as adolescentes está relacionada às muitas responsabilidades, dos afazeres domésticos, das decisões da vida pessoal em relação ao futuro, a maturidade, a independência e até mesmo relacionando a questão do gênero feminino a um privilégio, no que se refere às possibilidades de incrementar a sua aparência em termos de cuidados e adereços.

Ao não estabelecerem uma identificação com figura da mulher enquanto gênero, também não o fazem com relação à essência dos problemas por esse grupo social. Voltam-se para as dificuldades da vida adulta. Nas falas das adolescentes podemos perceber o distanciamento que fazem em relação ao que descreveram de si mesma na atualidade, na questão anterior.

Mulher é assim, mais sentimental, passa ter mais responsabilidade, pensa duas vezes, pensa no futuro. (ANA)

Em primeiro lugar a responsabilidade, é tem que assumir seus atos, não depender de ninguém, e ter que cuidar da sua própria vida sozinha. (GUIDA)

Somente uma das participantes da pesquisa faz alusão nesta questão, sobre as distinções sociais estabelecidas para os gêneros masculino e feminino. Demonstrando diferentemente das demais, a percepção da mulher no seu contexto como restritivo.

A mulher não pode fazer tudo que homem faz né? Tem mulher não pode mexer com bar, tem mulher que não pode carregar peso, mulher não mexe em construção, o homem mexe. A mulher não pode fazer quase nada que homem faz. (NARA)

Percebemos que as falas, ao referirem-se as mulheres, são sempre dirigidas a outras pessoas, sem incluir-se. As respostas são compostas de poucas palavras, sem apresentar maior argumentação e elaboração, apesar das questões relativas às concepções sociais e do próprio grupo em relação à mulher e ao corpo feminino ter sido abordado no trabalho desenvolvido nas Oficinas Corporais, nas quais participaram durante sua inserção na “Morada da Criança”.

O terceiro bloco foi dedicado a discutir a relação das participantes da pesquisa com seus corpos, abordando o sentimento e o tratamento dado aos mesmos. Em sua maioria as respostas foram afirmativas quanto a gostarem de seus corpos, pois os mesmos atendem ao perfil ditado pela sociedade no que diz respeito principalmente ao peso e formas. Apenas uma das entrevistadas, demonstrou descontentamento com seu corpo, que não cumpre com os padrões de beleza estabelecidos. As respostas das meninas nos permitem perceber essa ligação da beleza e magreza com a satisfação com o corpo:

Eu gosto. Porque eu acho ele bonito. Eu considero meu corpo bonito assim, por causa que eu sou magrinha. (ANA)

Tem dia que eu gosto, tem dia que eu não gosto, tem dia que eu me acho gorda demais, tem dia que eu já gosto do meu corpo, Porque toda roupa que eu visto me apresenta muito gorda, sei lá. (LARA)

Quando questionadas sobre os cuidados com corpo novamente a questão da beleza foi destacada, pois quase todos os cuidados relatados são com o objetivo de ficar mais bonitas e nutrir a vaidade que a maioria afirma ter. Chama a atenção em algumas falas o fato de se referirem ao respeito e valorização, como uma forma de cuidado que as mesmas têm com seus corpos, citando a relação de outras pessoas com o seu corpo, no que diz respeito ao toque, com podemos verificar na resposta abaixo:

Bem, é porque tem muitas meninas que vão ficar com um menino, deixam ele passar a mão em tudo quanto é lugar, mas eu não deixo(...) Faço ginástica, faço esporte, fico dançando dentro do quarto, porque eu morro de vergonha de os outros ficarem vendo. E sou muito vaidosa. (Sonia)

Apenas uma das entrevistadas declara uma postura diferente e contrária as demais, afirmando não se preocupar ou se ocupar com a questão de cuidados com o corpo. Nesta resposta como em outras, a mesma pessoa manifesta-se de forma



irreverente e de certa forma contestadora em relação às demais posturas, reafirmando sua individualidade.

Eu não cuido bem não. Eu não to nem aí. Porque eu não sou muito de ficar passando esses tem, eu não sou muito disso não. Há ta bom assim do jeito que tá. (NARA)

Este bloco de análise revelou uma relação com o corpo fundamentalmente ligada a estética, relacionando a auto-estima, ao sentir-se bonita, mesmo que para tal, demande uma série de cuidados.

Goellner (2003) em sua análise sobre a imagem feminina na revista “Educação Física” dos anos 50, constata que ainda hoje, ser bela é um imperativo que pesa sobre as mulheres, que as fazem se sentirem bem ou mal com sigos mesmas, conforme os padrões de beleza estabelecidos. Perrot (2007) ainda afirma que a beleza é a ditadura, mas severa vivida pela mulher.

O quarto bloco foi composto por três perguntas que nos permite analisar como as entrevistadas percebem o tratamento dado por outras aos seus corpos. E também como se dá às relações das outras gerações de mulheres de sua família com seus corpos.

Quando perguntadas sobre o tratamento que a sociedade dá aos corpos delas, e se gostariam que fossem diferentes, as respostas foram superficiais, voltaram novamente na questão da estética e respeito como valorização, elas dizem ser bem tratadas porque são tidas como bonitas e respeitadas, ou ao contrário, que não são bem tratadas porque são magras demais ou gordas.

Há, com respeito (...) porque não fico me mostrando assim e acho que é importante. Acho que muitas se desvalorizam, assim, mesmo, por causa que elas deixavam os meninos passarem a mão, mas comigo e outra amigas era diferente, a gente tratavam com respeito, nunca falou mal de ninguém, nem da gente. (BRUNA)

Para Arce (2000) a partir das revoluções industrial e francesa, se estabeleceu que a mulher têm virtudes, que a faz ser única responsável pela educação e a formação do caráter e da moral das crianças. Ao questionar as entrevistadas sobre a relação das mulheres de outras gerações anteriores de sua família (mães, avós, tias) com seus corpos, percebemos transparecer certo distanciamento.

Se valorizando (...) não deixar ninguém aproveitar. (...) Mas minha mãe já foi muito custosa, agora que ela consertou. Minha mãe já se desvalorizou demais (...) quando ela largou do meu pai ela enrolou com homem casado, vários homens, isso só desvalorizou ela mesmo. (IARA)

Com muita vaidade, pelo menos a minha vó, eu tenho uma vó e uma tia que são do mesmo jeito, elas já não é tão igual a minha mãe, assim elas se preocupam com que roupa vão vestir, claro, mas esses negócios de maquiagem elas não usam não, mas já a minha mãe e eu levamos uma hora pra arrumar pra poder ir, tem que ficar bonita senão não sai. (NARA)

Como percebemos as questões de ordem social que envolvem as mulheres não foram levantadas, mas apenas aquelas de cunho pessoal e moral mostraram-se relevantes nas falas das entrevistadas. Não são citados fatores relacionados à restrição das condições de acesso a direitos e liberdade, mas apenas destacado o ideal de uma moralidade aprovada socialmente. Também não são mencionados a jornada de trabalho e o casamento e os filhos como ideais de felicidade com forte representatividade corporal.

No quinto bloco trazemos questões que objetivaram identificar a concepção de gênero feminino em relação ao masculino e em relação à organização social, envolvendo mercado de trabalho e mídia.

Para essas questões, as adolescentes apresentaram uma figura feminina ligada aos cuidados domésticos, desvalorizada pelos setores acima mencionados e desrespeitadas na sua essência, mas ao mesmo tempo, imagem de uma figura que conquistou certa independência e autonomia profissional. Identificam pólos no que diz respeito ao que está estabelecido para a mulher na dimensão do trabalho, mas sem reconhecer as contradição presentes nas interfaces trabalho doméstico/trabalho profissional, mantendo a questão na dimensão do mérito de quem luta pela conquista e não do direito a ser garantido independente de luta.

Hoje a mulher está trabalhando mais, cuidando da sua própria vida, só que ainda tem muito machismo. (BRUNA)

Cuidar da casa né?! Porque a mulher não pode fazer isso ou fazer aquilo que o povo tá falando que ela tem ficar dentro de casa arrumando, mas assim eu acho que isso é errado, a mulher pode o que ela bem entender também, não é só o homem que tem que ficar ajudando, ajudando trabalhando fora, a mulher também tem direito de sair, trabalhar no que ela gosta, não é só ficar em casa lavando a casa. Acho que é isso mesmo. (GUIDA)

Não vê a mulher com bem, como uma pessoa boa. Vê a mulher como uma “cachorra”, não é respeitada. (LEILA)

A relação da mulher com o trabalho foi descrita destacando o trabalho doméstico como anterior, destinado à mulher, e o trabalho profissional como um desafio parcialmente conquistado por elas.

Perrot (2007) evidencia a estreita relação que há entre as mulheres e o trabalho doméstico, afirmando que o mesmo é tem primordial importante na organização social, porém para a mulher é peso em sua vida, pois é responsabilidade dela. No caso da mulher economicamente menos favorecida, mesmo quanto sai para trabalhar fora, a fim de ajudar com as despesas da casa, o fardo do serviço doméstico é tarefa exclusiva dela.

Embora haja um questionamento demonstram insatisfação em relação ao comportamento social machista, as respostas denotam naturalização das funções desempenhada pela mulher, que quase sempre esta relacionado ao trabalho doméstico.

Estão preferindo os homens, porque com as mulheres, têm muito preconceito, as mulheres estão sendo deixadas para último plano (...) Ser machista é querer mandar na vida da mulher, acha que ela tem é que ficar “pilotando fogão”. (BRUNA)

Ah! Tem mulher que sai de madrugada, chega de noite, aí é perigoso, porque falam que não está tão tranquilo mais, né?! Agora assunto de tratamento, respeito sempre tem, mas, também tem muito patrão que xinga. Mas a remuneração é igual. (SÔNIA)

Quanto à forma que a mulher é tratada pelos homens, apenas uma das entrevistadas não fala da relação machista e desigual entre homens e mulheres, relação esta que sempre submeteu a mulher ao homem. Segundo Arce (2000) a diferenciação de papéis entre eles, deu ao masculino a posição do público e ao feminino o privado, fazendo da mulher universo privado do homem.

Mesmo com as transformações sociais que se sucederam com os movimentos feministas, as lutas pelos direitos humanos, não houve uma mudança paradigmática que fosse capaz de alcançar a condição de sujeito de direitos para todas as mulheres. Nesse sentido a violência contra a mulher é reconhecida, na dimensão física e moral. Também nas falas das entrevistadas, expressam-se essas categorias de violência aplicadas às mulheres.

Como empregada. (...) quando eles vão sair eles querem mostrar a mulher, agora quando é pra outras coisas fazem questão de ela ficar em casa quietinha. (GUIDA)

Ah! Os homens batem (...) não trata elas bem. Em algumas, em quem é boba. Porque se mulher for boba o homem bate nela. Trai muito, não é fiel. (NARA)

Tem uns que trata bem, já tem uns que só querem curtir aproveitar. (IARA)

A última questão desse bloco, versou sobre a mídia e o corpo feminino que segundo Garcia (2005) é “Com ela, que instauram-se ‘novas/outras’ mediações entre o cuidar da aparência física e de sua representação sociocultural.” Exerce grande influência na formação da identidade feminina. As respostas para esta questão foram diversificadas, três das entrevistadas disseram que a mídia apresenta as conquistas dos direitos da mulher e divulgam a mulher como uma melhor opção no mercado de trabalho. Duas das adolescentes criticaram a desvalorização da mulher pela vulgarização e exposição do corpo feminino com objeto de consumo.

Desvalorizando a mulher. Porque estão pondo elas nuas, semi-nuas. Uma parte desvaloriza, mas a outra mostra a mulher de um jeito diferente. (BRUNA)

Ah, a mídia acho que não tem isso não, de preconceito contra elas assim não, acho que... Eu acho que ela respeita

também, eu acho que a maioria é mulher, mais é que fala assim... Tipo que ela é dedicada mais no serviço que faz. (GUIDA)

Desvalorizando a mulher. (ANA)

Nisso eles mostram mais é a beleza feminina, mostra o que as mulheres vem fazendo para conseguir seus direitos que elas não tinham tempos atrás. (SÔNIA)

Por fim, no sexto bloco, contendo duas perguntas a fim de complementar ou rever os pontos de vista apresentados durante a entrevistada, propusemos uma auto-descrição, apresentando suas expectativas futuras. A maioria das entrevistadas demonstrou dificuldade em falar sobre si mesma.

O corpo é repleto de significantes oriundos da cultura e da organização social e é re-significado por eles sempre. Nesse sentido, a concepção de corpo feminino apresentado pelas entrevistadas, destacaram características físicas e algumas de personalidade e comportamento, como se verifica nas falas abaixo:

Eu sou magrinha, gosto de ser como eu sou me acho bonita. Gosto muito de sair, sou custosa, assim, de namorar, gosto muito de conversar com as pessoas, não gosto de ficar em casa assistindo televisão não. (ANA)

Eu sou feliz, do jeito que eu sou. Há, eu sou quieta assim, stressada, enjoada, só (...) Não gosto de sair. Depende. Eu não sou de aprontar não, sou mais na minha mesmo. (BRUNA)

Gosto de Jogar handebol, odeio Jogar basquete. Gosto do meu corpo, menos a minha barriga. Eu sou uma moça que me divirto, às vezes eu fico mais na minha. Às vezes eu não vejo nem uma roupa pra eu usar, me vejo ridícula, não gosto de mim mesma. (...) acho que é o dia que eu acordo com raiva, aí nada pra mim está bom. Eu fico com raiva por causa do meu pai, ele não mora com nós, aí ele vem só pra caçar encrenca, aí eu fico uns dias assim. E feliz Pelo jeito que minha mãe me trata, minha vó, as amigas também. (IARA)

Quando perguntamos sobre as suas perspectiva para o futuro, nos depararam com sonhos parecidos, em sua maioria elas querem se casar e ter filhos, constituir famílias, e também trabalhar e algumas, ser independentes financeiramente. Notamos que o estudo, o trabalho até a própria independência financeira, são secundários ao casamento, posto como referencial de felicidade.

Para Perrot (2007) o casamento é o ápice da vida de qualquer mulher dita normal, que vê seus sonhos amorosos e maternais realizados no casamento. No século XIX início do XX, uma mulher solteira era desprezada pelos homens e pela sociedade. Atualmente o casamento ainda possui significativa representatividade de felicidade e de



consagração da vida adulta e plena. Para muitas mulheres o casamento ainda pode ser a única opção de vida, são provavelmente vítima de uma sociedade que lhes negou outras possibilidades e perspectivas.

Construir uma família, bem futuramente (...)Ter minha própria casa, casar, ser independente mais um pouco. (ANA)

Arrumar marido, casar, arrumar serviço, ser feliz... Ter filhos e ser veterinária (IARA)

Eu quero fazer línguas, ou medicina e (...) quero ter minha casa própria, é... Morar sozinha. Estudar, depois pensar em casar, porque eu não acho isso bom agora não. (GUIDA)

Há, eu ainda não tenho assim certeza.... Tava pensando em ir pra o Exército... Mas, não sei se eu vou não... Não tem nenhum sonho pro futuro, não. (NARA)

A análise das entrevistas nos permitiu fazer uma leitura da realidade vivenciadas pelas adolescentes e verificamos que embora apresentem pouca idade, revelam que sua trajetória já está marcada com os ideais estabelecidos para a mulher. O conformismo e o naturalismo da condição da mulher no contexto social das gerações que as antecede e a indignação na medida necessária para uma organização social produtiva.

## CONCLUSÃO

A(s) concepção(ões) de corpo feminino apresentadas pelas adolescentes participantes da pesquisadas em sua maioria não conseguem alcançar as construções históricas, culturais, que perpassam as concepções de mulher presentes na sociedade ocidental contemporânea, fator que consideramos preponderante para mantê-las em situação de vulnerabilidade social, uma vez que ao não reconhecerem o processo social ao qual estão inseridas, menor se tornam suas.

O estudo realizado nos leva a defender a construção de políticas públicas de educação e de acesso à cultura que possibilitem a reflexão crítica da organização social frente às minorias menos privilegiadas não só econômica, mas socialmente.

Apontamos à necessidade de eleger o corpo como um objeto importante de estudo de nossas crianças e adolescentes, para sua formação humana e sensível, entendendo-o como manifestação histórica e cultural de valores, concepções que fundamentam práticas sociais, que queremos mais justas, respeitando diferenças, individualidades, identidades que contraímos em nossa trajetória como seres humanos.

## 1.4 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA. M.I.M; EUGENIO. F. (orgs) Cultura jovem: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro. RJ: Jorge Zahar, 2006.
- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4ª Edição texto revisado. Porto Alegre/RS: ARTmed, 2002.
- ARCE, A. A pedagogia na “era das revoluções”: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. – Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

- FIGUEIRA, M.L. A revista capricho e produção de corpos adolescentes feminino. In: LOURO, G.L. FELIPE, J; GOELLNER.S.V (Orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 2. ed. Petrópolis, Rj: Vozes. 2005 p. 7 – 27.
- FONSECA NETO. A. C.; PAULA. M. V.; MENDES. N.M. Criança em situação de risco e a escola. Anais II simpósio da infância de educação, 2006.
- FONSECA NETO. A. C. Morada da Criança “Leonides Bardal: historia da pratica e evolução da concepção dos objetivos da instituição. Anais II simpósio da infância de educação, 2006.
- GARCIA. W. Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos. São Paulo/SP, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 3 ed., São Paulo: atlas, 1991.
- GOELLNER. S. V. Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na revista Educação Física. Ijuí, RS. Unijuiú, 2003.
- GONSALVES, E. P. Conversa sobre iniciação a pesquisa científica. 3 ed., Campinas SP: Alienas, 2003.
- LESCHER. A.D. GAJGER, B. BEDOIAN, G.; AZEVEDO, LM; SILVA, LN; PERNANBUCO, M.C. A; CARNEIRO JUNIOR, N. Criança em situação de risco social: limites e necessidades da atuação do profissional de saúde, 2004. Disponível em: < <http://www.projetoquixote.epm.br/publicacao.pdf>>. Acesso em: 20 abril. 2008
- LOURO. G.L. Pedagogia da sexualidade. In LOURO.G.L (Orgs). O corpo educado: pedagogia da sexualidade; Tradução dos artigos: Tomas Tadeu da Silva. 2.ed., 3ª Reimpressão. Belo Horizonte, MG: Autêntica. 2007 p.7 – 34.
- MEYER, D. M. Gênero e educação. Teoria e política. In: LOURO, G.L. FELIPE, J; GOELLNER.S.V (Orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 2. ed. Petrópolis, Rj: Vozes. 2005 p. 7 – 27.
- PERROT, M. Minha história das mulheres. [trad. Ângela M. S. Corrêa]. – São Paulo: Contexto, 2007.
- RIZZINI, I; Barker, G; Cassaniga, N. Criança não é risco, é oportunidade: fortalecendo as bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária : Instituto Promundo, 2000.
- VILHENA. J. A violência da imagem: estética, feminina e contemporaneidade. In Revista a Mal – estar e Subjetividade. Fortaleza, CE. 2005 p.109-144. Disponível em: [www.ccs.ufb.br](http://www.ccs.ufb.br). Acessado em: 15 de mar./2007.

Grupo de trabalho temático: movimentos sociais

Formato: Comunicação Oral

Recurso para apresentação do trabalho: data show

Contato: Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, Avenida Lamartine P. Avelar, 1120, Setor Universitário, Catalão GO, CEP: 75705-220.

e-mail: [mariacarolinalourenco@gmail.com](mailto:mariacarolinalourenco@gmail.com) ; [maristela.vicente.paula@gmail.com](mailto:maristela.vicente.paula@gmail.com)